



# Blumenau em cadernos

## Eventos em destaque na Fundação Casa Dr. Blumenau em 1982

- 22 de março — Centenário de nascimento de Edith Gaertner - 1882-1982
- 07 de abril — Dez anos de Instituição da Fundação "Casa Dr. Blumenau" - Lei 1835, de 7/4/72,
- 1º de julho — Cinco anos de atividades da Biblioteca Ambulante pioneira em Santa Catarina.
- 30 de agosto — Trinta anos de atividades da Biblioteca Municipal Dr. Fritz Müller - Lei 354 de 30/08/1952.
- Novembro - Jubileu de 25 anos da revista cultural "Blumenau em Cadernos" - 1957-1982.

**TOMO XXIV - N.º 1**

JANEIRO 1983



## CANTO DOS COOPERADORES

A Fundação "Casa Dr. Blumenau" torna público o seu sincero agradecimento pelo generoso apoio financeiro, de estímulo à publicação desta Revista, recebido de :

Artur Fouquet - Blumenau  
Buschle & Lepper S. A. — Indústria e Comércio  
Casa Flamingo Ltda.  
Casa de Móveis Rossmark S. A.  
Cremer S/A. - Produtos Têxteis e Cirúrgicos - Blumenau  
Cia. Comercial Schrader S/A. - Blumenau  
Companhia Souza Cruz Indústria e Comércio - Blumenau  
Consulado Alemão - Blumenau  
Distribuidora Catarinense de Tecidos S/A. - Blumenau  
Electro Aço Altona S/A. - Blumenau  
Empresa Auto Viação Catarinense — Blumenau  
Fritz Kuehnrich - Blumenau  
Imobiliária «D L» Ltda.  
Indústria Têxtil Companhia Hering - Blumenau  
João Felix Hauer - Curitiba  
Lojas NM Comércio e Ind. Ltda. - Itoupava Seca - Blumenau  
Lindner, Herwig, Shimizu - Arquitetos - Blumenau  
Madeireira Odebrecht Ltda. - Blumenau  
MAFISA - Malharia Blumenau S/A. - Blumenau  
MAJU - Indústria Têxtil Ltda. - Blumenau  
Moellmann Comercial S/A. - Blumenau  
Relojoaria e Ótica Schwabe Ltda. - Blumenau  
Tabacos Brasileiros Ltda. - Blumenau  
TEKA - Tecelagem Kuehnrich S/A. - Blumenau  
Tipografia Centenário Ltda. - Blumenau  
Tipografia e Livraria Blumenauense S. A.

# BLUMENAU EM CADERNOS

TOMO XXIV

Janeiro de 1983

Nº 1

## SUMÁRIO

Página

Você Sabia? . . . . .	2
Males . . . . .	4
XII — Valata Azambuja . . . . .	5
A História de Blumenau Revela . . . . .	6
Considerações sobre o desmatamento na Serra do Itajaí . . . . .	9
Curiosidades de uma época — XVIII . . . . .	10
Autores Catarinenses . . . . .	11
Dr. Afonso Balsini . . . . .	13
A Fundação de Itajaí — Sua História, Seu Romance . . . . .	14
História Romanceada de Hermann Bruno Otto Blumenau . . . . .	15
Terra oca? . . . . .	22

## BLUMENAU EM CADERNOS

Fundação de J. Ferreira da Silva

*Órgão destinado ao Estudo e Divulgação da História de Santa Catarina*  
Propriedade da FUNDAÇÃO CASA DR. BLUMENAU

Diretor responsável: José Gonçalves - Reg. nº. 19

ASSINATURA POR TOMO (12 NÚMEROS) Cr\$ 1.000,00

Número avulso Cr\$ 150,00 -- Atrasado Cr\$ 200,00

Assinaturas p/ o exterior Cr\$ 1.000,00 mais o porte Cr\$ 1.000,00 total Cr\$ 2.000,00

Alameda Duque de Caxias, 64 - Caixa Postal, 425 - Fone: 22-1711

89.100 - B L U M E N A U - S A N T A C A T A R I N A - B R A S I L

CAPA — “Blumenau em Cadernos” completou, em novembro de 1982, 25 anos de circulação, cuja primeira edição ocorreu em novembro de 1957. Eis porque estampamos na capa desta revista, durante todo o ano, a foto do seu fundador, **Prof. José Ferreira da Silva**, numa homenagem ao saudoso historiador. (O clichê foi confeccionado e gentilmente oferecido pela CLICHERIA BLUMENAU LTDA.



# Você Sabia?...

Frederico Kilian

...que a Colônia Angelina foi fundada pelo Presidente Araujo Brusque, autorizado por aviso do Ministério do Império de 30 de novembro de 1859 e que as medições dos primeiros lotes foram feitas pelo agrimensor Otto Schlappal?

...que os primeiros colonos de Angelina foram exclusivamente nacionais e que somente mais tarde vieram se juntar imigrantes estrangeiros e filhos destes estabelecidos em outras colônias da Província?

...que em 1739, quando o Brigadeiro José da Silva Paes tomou posse do governo de Santa Catarina, o Estado não contava muito mais de 500 habitantes, sendo pouco mais de 147 homens brancos na Ilha de Santa Catarina, pouco mais de 30 casais na Laguna e outro tanto na Ilha de São Francisco?

...que por contrato, baseado na Resolução Municipal de Blumenau nº 43 de 14 de janeiro de 1908, foi concedido ao empresário F. G. Busch, privilégio do fornecimento da força e luz elétrica no perímetro urbano de Blumenau pelo prazo de 25 anos?

...que por este contrato o empresário se obrigava a colocar, pela anuidade de Rs. 5:500\$000, cem lâmpadas de 25 velas cada uma, funcionando durante seis horas por noite?

...que em março de 1874, é organizada na então vila de Brusque, por Augusto Maluche o primeiro Conjunto Musical Brusquense — instrumental: um clarinete, dois pistões, um bugle, um trombone e um bombardão, e que essa primeira Banda fez a sua estréia na festa da páscoa da Sociedade de Atiradores, daquele ano, por Rs. 30\$000?

...que a primeira turma de imigrantes italianos composta de vinte famílias, aportou em Itajaí em 15 de agosto de 1875, após mais de um mês de viagem, dirigindo-se à zona do Rio dos Cedros?

...que em 1930 uma grande leva de imigrantes, 1.640 menonitas de descendência germânica, que se viram obrigados a deixar a Rússia Soviética, fugindo para a Alemanha, foram encaminhados para o Brasil, por conta do Governo Alemão e domiciliados nas colônias do Alto Krauel e Dollmann, do Município de Ibirama?

...que mais tarde, devido a formação imprópria do terreno,



em que foram localizados, a maioria emigrou para o Estado do Paraná, onde se estabeleceram?

...que no ano de 1868 a imigração aumentou consideravelmente na colônia de Blumenau, tendo aportado à esta Colônia 1.407 colonos, o que obrigou a direção a aumentar também o número de seus auxiliares e tendo o Governo Imperial enviado uma comissão de engenheiros que cuidaram da medição e demarcação dos lotes em terras devolutas?

...que o distrito de Paz de Blumenau foi criado por ato do Presidente da Província de Santa Catarina, Dr. João José Coutinho, datado de 7 de Maio de 1859?

...que a 4 de fevereiro de 1880 é aprovada a Lei nº 860, elevando a Colônia à categoria de Município e que por essa lei as freguesias de São Pedro Apóstolo de Gaspar e de São Paulo Apóstolo de Blumenau, foram desmembradas do território do Município de Itajaí?

...que a 1º de janeiro de 1869 foi fundada a Sociedade de Consumo da Colônia de Blumenau, sociedade por ações a dez mil reis cada uma?

...que esta Sociedade, cujo prazo de duração era de dez anos, teve durante este tempo, como seu gerente o senhor Luiz Sachtleben?

...que a 20 de maio de 1878 foi fundada a Companhia de Navegação Fluvial a Vapor Itajaí-Blumenau, com o capital de ..... Rs. 30:000\$000 (trinta contos de reis), dividido em ações de ..... Rs. 100\$000, cabendo o controle acionário da Companhia a Luiz Sachtleben?

...que esta Companhia comprou da Saechsiche Dampfschiffsbau-Anstalt" de Dresden, o vapor "Progresso" que chegou em fins de 1879?

...que a mesma Companhia de Navegação Fluvial incorporou posteriormente, em 1893 à sua frota o vapor "Blumenau", que fez sua viagem inaugural a 14 de outubro de 1894?

...que a 4 de fevereiro de 1930, chagaram a Gaspar, vindas da Casa-Mãe de Angelina, as primeiras "Irmãs Franciscanas de São José", a fim de assumirem a Escola Paroquial?

...que a 14 de Janeiro de 1863, o engenheiro Emilio Cdebrecht e mais 6 homens iniciaram a primeira viagem de exploração com destino às cabeceiras do Rio Itajaí ao pé da serra?



...que esta expedição durou 39 dias, terminando com o seu regresso a Blumenau, no dia 21 de fevereiro de 1863?

...que a 13 de junho de 1854, Fernando Petermann, foi nomeado pelo Presidente João José Coutinho, para exercer o cargo de Professor na Colônia de Blumenau?

...que a Associação Comercial de Blumenau foi fundada a 5 de novembro de 1901 em assembléia realizada no salão Gross, desta cidade, à qual compareceram 32 industriais e comerciantes?

(Excertos dos tomos XV a XVII de Blumenau em cadernos)

---

## MALES

### A. Cardoso

Logo depois que foi fundada a colônia de Blumenau, os dois principais males que por natureza existiam eram as inundações e os índios. Todavia o homem civilizado, numericamente muito superior, dominou o selvagem depois de algumas dezenas de anos.

As inundações, até certo ponto continuam.

Para que o leitor tenha uma noção de qual era a mais perigosa época do ano, referente às enchentes no Vale do Itajaí, desde a fundação da colônia até hoje, poderá verificar na lista que abaixo segue; no tocante às datas e alturas verá que nós nos encontramos nos meses das maiores inundações, isto é, aquelas que ultrapassaram os dez metros na cidade de Blumenau.

Podemos assim observar que desde 1850 se acham intercalados vários anos nos quais o agradável da primavera veio acompanhado do desalento duma inundaçào.

As duas atuais represas no Alto Vale do Itajaí resolvem parcialmente o problema das cheias. Tudo depende de quanto chove e por quanto tempo; além disso, motivado pela sedimentação nas represas, o volume para reter a água diminue...Entretanto, não se devem repetir as catástrofes de 1880 e 1911.

Lista das datas e alturas das grandes enchentes do rio Itajaí desde 1850: 20.11.1855 - 13,0m; 20.11.1884 - 13,0m; 23.09.1880 - 16,8m; Maio 1888 - 12,0m; 18.06.1891 - 13,5m; Jun. 1898 - 12,0m; Jun. 1900 - 12,0 ; 02.10.1911 - 16,6m; 09.11.1927 - 12,0m; 05.11.1928 - 10,4m; 04.10.1933 - 10,9m; 24.09.1935 - 10,6m; 17.05.1948 - 11,2m; 23.10.1954 - 11,8m; Maio 1955 - 10,0m; 02.08.1957 - 10,1m; 19.08.1957 - 12,4m; 31.10.1961 - 11,8m; 03.10.1975 - 12,2m; 26.12.1978 - 11,5m; 21.12.1980 - 12,9m.



## XII — VALATA AZAMBUJA

**Hospital Arquidiocesano Cónsul Carlos Renaux nos anos 40, obra iniciada no início deste século.**



### O 1º LUSTRO DO NÚCLEO DE AZAMBUJA

Prof. Aloisius Carlos Lauth

O que se pode observar no primeiro lustro do século é a iniciativa particular atendendo a uma região vasta e carente, adiantando-se às políticas governamentais. Pois, o atendimento da Santa Casa de Misericórdia abrangia Brusque, Itajaí, Camboriú, Tijucas, Nova Trento, parte de Blumenau, Gaspar e a distante Joinville. A obra da complexa instituição abrigava Asilo para idosos, Hospital e Clínica Psiquiátrica, Abrigo de Menores e Escola Paroquial. Esta iniciativa religiosa, apoiada pela caridade da população teve igualmente as bênçãos do Bispado, merecendo em 1905 a dignidade de Curato Episcopal. Somente a partir desta data é que encontramos algumas subvenções oficiais, dos municípios de Brusque e Itajaí, que reforçam a caridade das “listas de auxílio” que percorriam as redondezas de Cedro Grande, Poço Fundo, Guabiruba, Águas Claras e Peterstrasse. A comunidade sentiu, então, que precisava dar perpetuidade a esta previdência social e constituiu em Itajaí o “Grupo das Damas de Caridade” com a finalidade de recolher toda sorte de donativos para a Santa Casa.

Mas o núcleo de Azambuja teve seu desenvolvimento decisivo com a vinda do Pe. Gabriel Lux, de tino econômico incomum, que soube bem aproveitar a separação administrativa entre o Curato e a Paróquia São Luís Gonzaga, apesar dos constantes débitos anuais, já apontados. Em memória deste administrador, a comunidade erigiu a escola, hoje denominada “Escola Básica Pe. Lux, SCJ”.

Também o Governo Estadual viu com bons olhos a instituição



iniciada e tentou encampar a previdência, em 1908, oferecendo o Congresso Provincial uma verba anual tomando a si o direito de nomear uma Comissão de Procuradoria; evidentemente, a idéia foi recusada pelo Fabriqueiro-Administrador. Quando de sua visita, o Gov. Gustavo Richard ouviu as razões do padre procurador e sabendo do que tratava, liberou a subvenção anual de 1 conto, sem qualquer condição de interferência administrativa. No ano seguinte, ainda, a ajuda da Província de SC se elevou a 25 contos de reis, comprometendo-se Azambuja a tratar de 6 dementes pobres, enviados pelo governo. Com esta verba, se pôde começar a construção da Clínica Psiquiátrica, melhorar a alimentação dos pacientes, canalizar água potável, adquirir equipamentos cirúrgicos e até reforçar algumas paredes caídas de outras edificações.

Outro fato que destacará a participação do núcleo de Azambuja na assistência médica acontece durante a enchente de 1912, que trazem epidemias à população, já enferma e com carências alimentares. Observa-se o aumento do número de pacientes no hospital, causando transtornos de acomodações, atendimento e escassez de medicamento farmacêutico.

No ano seguinte, entretanto, Azambuja dá um passo à frente. O gás de iluminação é substituído pela lâmpada elétrica, cuja fonte de geração estava na Guabiruba, de propriedade do Sr. Bauer. Mas, o maior benefício sem dúvida foi a fixação de residência médica do Dr. Melcopp, lá pelo ano de 1915. Talvez pouco antes. O médico da Fábrica do Cônsul Renaux viria somente em 1924, para atendimento exclusivo dos operários e familiares. A partir de então, a perpetuidade do Hospital e da Clínica é fato consumado.

---

## **A História de Blumenau revela:**

CARTA DO DR. BLUMENAU, QUANDO EM VIAGEM PELA ALEMANHA ALICIANDO IMIGRANTES, AO PRESIDENTE DA PROVÍNCIA, PEDINDO APOIO PARA CONTORNAR OS PROBLEMAS ORIUNDOS DA RESISTÊNCIA DO GOVERNO ALEMÃO EM AUTORIZAR A VINDA DE IMIGRANTES. (Dos arquivos históricos da Baixa Saxônia, especial para "Blumenau em Cadernos").

Hamburgo 10.12.67

"Tomo a liberdade, contando com o zelo de V<sup>a</sup> Excia. pelos interesses do nosso Brasil na questão da colonização e imigração e associo sua benevolência para com este seu criado, importunar a V<sup>a</sup> Excia com um respeitoso pedido.

Dirigi ao Conde de Bismarck em Berlim, ao Snr. Mathy, Presidente do Ministério em Carlosuhe, ao Sr. Dalwigk, idem em Dariusstad, e ao Snr. Varubüler, Ministro dos Estrangeiros, a representação que V<sup>a</sup> Excia. se há interesse em impresso como em escrito, aquele para conhecimento de V<sup>a</sup> Excia. e este para ser entregue ao Sr. Prin-



cipe de Hohenlohe. As representações acima enumeradas serão entregues por pessoas de consideração ligadas por laços de amizade do meu sogro aqui, que lhes pediu que apoiassem meu pedido. Enquanto ao último, V<sup>a</sup> Excia. ou houveram meios para fazê-lo chegar ao príncipe ora que não ache conveniente de entregar-lhe em pessoa.

V<sup>a</sup> Excia. saberá que em todos os Estados a cujos Ministros dirijo minha representação, a imigração para o Brasil é mais ou menos restringida ou até totalmente proibida, por ordens ou decretos, e que em Baden a proibição ultimamente decretada foi consequência de um engajamento de colonos para províncias que nesta primavera infelizmente emigraram em detrimento da nossa colonização e imigração teve lugar em Mannheim.

Igualmente V<sup>a</sup> Excia. sabe que inúmeros prejuízos morais e ainda mais do que materiais estas proibições causam aos interesses do Brasil e quanto dificultam as negociações mais honestas e diretas de imigração e colonização.

Solicito pois o valioso apoio de V<sup>a</sup> Excia. para que estas proibições sejam revogadas nos Estados do sul da Alemanha as quais temos esperanças de que com alguma paciência e energia, haveremos de conseguir o almejado fim. A opinião pública já principia inclinar-se um parecer para a colonização alemã no Brasil, e alguns formidáveis inimigos já converti.

Veja V<sup>a</sup> Excia. que o último número da *Illustristen Zeitung* de Leipzig não há muito tempo ainda publicou a bravata de Sturz. Só em Berlim o governo e a imprensa se convencem ainda muito a operar e o Sturz que eu já julguei morto, se levantou ainda, desta vez com furibunda violência distribuída contra mim. Penso que esta terá sido a última vez e preparo uma réplica, que acabará como o espero, para sempre com ele, fundamentada sobre dados impresos e cuidadosamente consultados, mas que consegui descobrir, e com os quais lhe arranco o resto de sua máscara e glória. Então a imprensa também não poderá deixar de reconhecer seus erros. Quanto ao Governo da Prússia confio na energia do sucessor do Conselheiro Sr. Araújo e do nosso próprio governo.

Os auspícios para nossa Campanha Imigratória da próxima primavera, também não são maus e espero um considerável aumento da imigração para as nossas praias.

Na representação inclusa tomei o ponto de vista do alemão e do interesse alemão, que a velha Alemanha seu povo e seus governos têm na imigração alemã no Brasil e na colonização brasileira alemã. Para excitar o desejado interesse do público na questão, devia realçar este ponto de vista e empregar cores fortes. Sei bem, que daí meus inimigos e também inteligências acanhadas podem destilar veneno contra mim e acaso também contra a imigração e colonização alemã no Brasil.

Mas para conseguir o fim desejado excito atenção pública, e consegui a revogação das proibições, não me restava outro meio, fiz imprimir 1600 exemplares mas guardo-os ainda para logo acompanhá-lo para a minha Stuti-Sturziada, e se faz possível mais algumas páginas de



dados estatísticos etc... sobre algumas colônias no Império. Então hei de remeter tudo junto; pelo menos as duas primeiras publicações estão acreditadas. Estas proibições constituem uma forma em que são estabelecidas, ao mesmo tempo um prejuízo para o Brasil. Para seu governo em termos esperança e probabilidade alguma, de conseguir a licença de concluir contratos de parcerias, pois os governos deviam tratar os agentes que admitem e transportam imigrantes para o Brasil, que fiquem tratados no mesmo pé e como os demais.

Assim devíamos insistir, comô eu o fiz e faço, que fiquem rasgadas as proibições excepcionais; mas não poderemos objetar coisa alguma a que se estabeleçam regras gerais e obrigatórias para todos os agentes expedidores de imigrantes. Se não podemos conseguir tudo haveremos de pelo menos procurar alcançar o mais essencial e importante. E para conseguir isto e mais, tranquilizar os Governos na questão, eu até não duvidaria propor aos mesmos, como medida preventiva e garantia das nossas honestas intenções, o estabelecimento da proibição geral, de se concluirem nos respectivos Estados os agentes expedidores convenccionados quaisquer ajustes e contratos, pelos quais os imigrantes fiquem obrigados a reembolsarem os adiantamentos que tiveram acaso recebido e determinados trabalhos e impedidos a tornarem no Império sua residência onde melhor lhes convier. Com outras palavras e não será permitido a conclusão de ajustes, pelos quais o imigrante no Brasil não fique senhor livre de si e da sua familia, e impedido de escolher no Império a ocupação e residência, que melhor lhe convier.

Contra tal proibição geral, que já subsiste como me parece em diferentes Estados, não poderia objetar, bem que as vezes impedirá de contratar operário para fabricar o produto, contra as proibições excepcionais em nosso prejuízo e desde já devemos protestar e exigir sua revogação.

Eu seria muito feliz se V<sup>a</sup> Excia., se queira dignar, de postar seu apoio a este importante causa, e não ouvir a imprensa alemã e as autoridades superiores e nas de toda Alemanha, da mesma maneira como fiz com um artigo sobre os prêmios concedidos em Paris à Colônia Blumenau que não deixam de fazer algum efeito. Hei de então dirigir-me também particularmente ao Sr. Fröbel, redator da "Sudd Deutscher Loesse" em Munich a que sou ou serei recomendado por seu primo Fr. em Rudolstad e que goza da influência de uma autoridade nesta questão. Nesta ocasião também hei de remeter a V<sup>a</sup> Excia., maior número de representação.

Ficaria muito obrigado se V<sup>a</sup> Excia. no seu tempo me queira participar quais as disposições dos respectivos governos a respeito desta questão e se posso contar com a revogação das proibições excepcionais, para disto informar os nossos agentes aqui, em Pommen e Antuerpa.

Apresentando a V<sup>a</sup> Excia os protestos do meu respeito e da minha distinta consideração tenho a honra de ser

De V<sup>a</sup> Exci<sup>a</sup>.

Hamburgo, 47 Hbi Strasse,  
10 de dezembro de 1867.

**Dr. Hermann Blumenau**



# Considerações sobre o desmatamento na Serra do Itajaí

Eder Maurício Mello da Silva  
Cláudio Borba

A Serra do Itajaí é um conjunto de elevações alinhadas em direção nordeste-sudeste, algumas vezes ultrapassando 1000m de altitude, que serve como divisor de águas dos rios Itajaí-açu e Itajaí-mirim. Esta serra encontra-se ainda coberta em grande parte pela mata pluvial atlântica, sendo um dos poucos redutos dessa mata no sul do Brasil.

A mata atlântica, devido à grande quantidade de espécies vegetais nela existentes, representa uma inesgotável fonte de informações para a ciência. Desde o século passado, com Fritz Müller, até os dias de hoje, com Roberto M. Klein, grandes cientistas têm tomado esta região do Vale do Itajaí como laboratório para seus trabalhos. Apesar dos estudos já realizados, ainda resta muito por fazer. Existem na mata muitas espécies de grande valor econômico e medicinal, de interesse para o futuro, merecendo estudos ainda mais detalhados e específicos. A mata atlântica é também o habitat de uma variada fauna, tão pouco conhecida quanto a vegetação, que poderia ser objeto de pesquisas no futuro. Temos na Serra do Itajaí um grande número de nascentes que formam os ribeirões Encano, Velha, Garcia, Gaspar Grande e outros.

Todas essas belezas naturais da Serra do Itajaí representam um grande potencial turístico, tanto para Blumenau, como também para os municípios vizinhos. Foram as águas límpidas, a verdejante mata atlântica e o relevo montanhoso semelhante a algumas regiões européias que trouxeram, em meados do século passado, os colonizadores alemães para nossa região.

Entretanto, toda esta paisagem vem sendo rapidamente destruída pela exploração madeireira e imobiliária. Constroem-se estradas sem o menor planejamento técnico, provocando enormes desbarbamentos. Não existe qualquer seleção na retirada das árvores. Ao retirar-se uma árvore de grande porte, sua copa, ao cair, destrói outras pequenas que não são aproveitadas. Retiram-se "toras" de diâmetros reduzidos, não havendo nenhum replantio. O local devastado é simplesmente abandonado.

O desmatamento causado traz graves conseqüências. A retirada da cobertura vegetal, associada a geologia fragil e à topografia íngreme da região, aumentam a velocidade de escoamento superficial da água, erodindo o solo, removendo sua camada superior e causando grandes deslizamentos. Esses deslizamentos, nas enxurradas, especialmente na região da Garcia, representam uma constante ameaça para os habitantes daquela área. A água barrenta dos rios representa o solo perdido, grande riqueza da região. Sem o solo, aquelas terras tornar-se-ão, estéreis impedindo seu aproveitamento para a agricultura. Outra conseqüência direta do desmatamento é o desaparecimento da fauna. A devastação da Serra do Itajaí ainda trará a dimi-



nuição dos grandes recursos hídricos que possui, ocasionando sérios problemas no abastecimento de água no Médio Vale do Itajaí.

Podemos afirmar com segurança que, se não forem tomadas providências imediatas no sentido de frear a devastação deste área, daqui a apenas alguns anos a densa mata que encantou os primeiros alemães que chegaram ao verde Vale do Itajaí permanecerá apenas na lembrança dos que um dia tiveram a satisfação de conhecê-la.

Blumenau, 13/01/1983

---

CURIOSIDADES DE UMA ÉPOCA — XVIII

## Futebol em Blumenau

(Década dos 20s)

S.C. Wahle

Na década dos 20s, havia em Blumenau dois clubes de projeção para a prática do futebol. Tratava-se do Brasil FC e do Blumenauense FC. No decorrer dos anos, os dois clubes mudaram de nome, sendo que o primeiro denomina-se hoje Palmeiras, e o segundo, Olímpico.

A praça de desportos do Brasil FC situava-se na rua das Palmeiras, hoje Alameda Duque de Caxias, e o Blumenauense utilizava-se do campo de futebol do Clube de Ginástica de Blumenau. Havia uma grande rivalidade entre esses dois clubes, que mais aparentava uma luta de duas famílias. O Brasil FC contava com o entusiasmo, habilidade e juventude dos três irmãos Emilio, André e Mário Sada, ao passo que os Blumenauenses contava com a rigidez e agressividade dos incansáveis irmãos Kielwagen, que possuíam uma oficina de reparos e ferraria, inicialmente para carroças e carros de mola e, mais tarde, de caminhões e automóveis, junto ao campo do Brasil FC. Durante vários anos, a rivalidade era a motivação dos jogos e, não raro também então já se apelava para a violência.

Tanto de um lado, como de outro, houve vítimas, que tiveram de ser internadas em hospitais da cidade para se recuperar de traumatismos de certa gravidade. No fim da década dos 20s, André Sada transferiu-se para Itajaí, onde ingressou no quadro de funcionários do Banco do Brasil, e o mais moço dos Kielwagen, um grande jogador da época, transferiu-se para Joinville. Com o afastamento desses dois impecáveis jogadores, a motivação pelo futebol esmoreceu por longo tempo.



# AUTORES CATARINENSES

ENÉAS ATHANÁZIO

## VERBO SOLTO

O nome de Maura de Senna Pereira se liga com tanta intimidade à poesia, na consciência dos catarinenses, que a só menção de um livro dela traz à memória a sua produção no gênero. As suas celebradas virtudes na produção do poema teimam em obscurecer a hábil prosadora que ela também é, talvez porque esta face não tenha merecido tanta divulgação.

Não é pouca a sua obra em prosa, até agora reunida em livros. Jornalista (atuando inclusive como repórter), ensaísta e conferencista, nada menos que três volumens dentre os dez já publicados por ela, contém trabalhos alheios ao campo estrito da poesia. Mais um título, recentemente dado a público, vem reforçar essa importante parte da sua atividade literária: "Verbo Solto" (Livraria Kosmos Editora, Rio, 1982).

Aqui ela enfeita diversos discursos proferidos em variadas ocasiões, em sua maioria relacionados de algum modo com a terra natal, o que confere ao volume um tênue sabor evocativo e memorialista. Mostra também que, apesar dos longos anos de afastamento, ela não se alienou das coisas do seu Estado, participando sempre de tudo que lhe diga respeito. Essa capacidade que lhe valeu a merecida designação, tantas vezes repetida, de Nossa embaixatriz no Rio.

A presença de Florianópolis é muito forte nestas páginas, revelando quão nítida permanece a velha cidade ilhoa na memória da autora. As ruelas estreitas contrastando com as avenidas, o casario antigo ao lado dos edifícios, a paisagem colorida de muitos de seus recantos (com ênfase para a Lagoa da Conceição), seus escritores e poetas, autoridades, amigos, figuras populares. Tudo dito com a suavidade de um estilo muito especial, numa saudade contida e envolta no lirismo da poeta que o leitor sente por debaixo do texto, forcejando para através dele transparecer.

Outros desses textos são verdadeiros ensaios, "ensaios falados", se é possível dizer assim, acentuando a presença da mulher, aqui e alhures. Assim é com Anita, rastreando os primeiros passos de sua glória, desde o encontro com o corsário Garibaldi, a fuga, as lutas e os sofrimentos, assim é com Bozena Nemcová (1820/1862); escritora tcheca, e a análise que empreende na ocasião dos cento e vinte anos do seu livro "Babicka", um "romance eterno", cheio de ternura e onde gravita a figura inigualável da avó Magdalena Novotná. Páginas cativantes, que a gente lamenta sejam tão poucas, onde a autora consegue sintetizar esse livro que é um misto de romance,



biografia, memórias, folclore. "Torno a confessar — afirma — que o livro me empolgou inteiramente com sua beleza, sua autenticidade, sua estonteante riqueza folclórica".

Também as palavras dedicadas ao pintor Ely Braga, que eu tive ocasião de divulgar, e a Lacerda Coutinho, rica individualidade de humanista e poeta barriga-verde, merecem atenciosa leitura. Fechando o volume, as "remebranças" do Currículo Cruz e Souza, organizado pela autora no Centro Catarinense, comemorando o centenário de nascimento do grande simbolista (24 de novembro de 1961). Esse evento, tão pouco conhecido em terras catarinenses, contou com palestras de conhecedores da vida e da obra do Poeta Negro, entre eles Andrade Muricy, concursos e premiações, suplementos especiais e repercussão na imprensa. Tudo está agora documentado e registrado neste novo livro de Maura, "a cigarra catarinense", a quem se credita mais esse trabalho por um poeta tão infeliz e injustiçado em vida, mas que "hoje é nome de Palácio e patrono de prêmios milionários lançados pelo Governo do Estado..."

---

## BARROZO FILHO

Notícias procedentes do Rio de Janeiro dão conta de que faleceu, vítima da brutalidade imperante, o escritor José Pires Barrozo Filho. Figura alegre e simpática, eu o conheci na sede da Editora do Escritor, em São Paulo, no lançamento da coletânea "Estudio 44", de que ambos participamos. Colaborador e grande entusiasta do "Em Revista", nessas páginas publicou seus trabalhos desde o número inicial, alguns deles bem chocantes pela forma como punha os problemas. Embora escrevesse muito, Barrozo Filho não teve tempo de lançar seu livro individual e sua ausência no "Em Revista" será certamente sentida e lamentada.

Natural de Friburgo, residia em Niterói e mantinha-se em constante atividade literária e teatral pois era ator formado pela Fundação Brasileira de Teatro. Escreveu e dirigiu peças teatrais, fez pelo menos dois musicais infantis, participou de diversas antologias poéticas e de contos, andou pelo país envolvido em quanto movimento cultural que o tenha interessado. Era, como disse Wilson Castelo Branco, "um dinamo, um vulcão em atividade, um terremoto que abala este seu amigo nos alicerces, nas bases, no próprio centro de seu equilíbrio." Irrequieto, risonho, fazedor de amigos, a forma como a Morte o colheu foi uma peça de mau gosto que ela pregou e que ele, como seus amigos, por certo não esperavam. Um contraste, um paradoxo que nos priva de um escritor de talento e de uma pessoa agradável como poucas.

Barrozo Filho tinha muitos amigos nos meios literários de nosso Estado, pelo qual manifestava sempre grande simpatia.



## DR. AFONSO BALSINI

Dia 23 deste mês de janeiro, Blumenau foi surpreendida com a triste notícia do falecimento do médico Afonso Balsini.

O falecimento do conhecido médico causou grande impacto emocional, uma vez que trata-se de uma das figuras mais prementes que Blumenau possuiu, a partir de 1941, quando, formado pela Faculdade Nacional de Medicina do Rio de Janeiro, retornou a Blumenau para aqui exercer sua profissão e conviver comunitariamente com a população de sua cidade natal.

Dizer, em pouco espaço de uma revista histórica, o que foi toda a vida de Afonso Balsini a partir de 1941, na prestação dos mais assinalados serviços à sua cidade e ao seu povo, não é tarefa fácil.

No exercício da profissão que abraçou e que a exerceu com dedicação, amor, humanidade e inteligência, Afonso Balsini deixou marcas indeléveis de seu desempenho, proporcionando, com o carinho que lhe era peculiar na sua tarefa de médico pediatra, valiosos benefícios às famílias blumenauenses, sendo que, a geração jovem do presente, em grande maioria, teve na sua infância, o atendimento e os cuidados de sua notável capacidade de médico eficiente estudioso.

Na sua passagem pelo Hospital Santo Antônio, onde foi diretor durante muitos anos, Afonso Balsini conseguiu, apesar das dificuldades financeiras com que sempre esteve às voltas, realizar importantes obras de ampliação e de instalação de modernos equipamentos. Liderou também, como seu idealizador, a construção do Hospital Infantil, assim como instalou pioneiramente a primeira Escola de Enfermagem Auxiliar em Blumenau, que durante muitos anos ocupou uma das dependências do próprio Hospital Santo Antônio. Gracias a estas iniciativas, Blumenau hoje não se ressentida da falta de bons profissionais de enfermagem e de um ótimo estabelecimento hospitalar para crianças.

Afonso Balsini nunca foi um comodista fora das suas atividades profissionais. Desenvolveu outra atividade também importante para a comunidade blumenauense. Atuou com destaque na vida pública e política, tendo exercido por três vezes o mandato de vereador, no qual prestou também assinalados serviços à causa pública, como integrante dos quadros da extinta UDN e mais tarde pela também extinta ARENA.

Os amigos e admiradores que o cercaram até seus últimos dias, são a prova da imorredoura lembrança e saudade que deixou em sua cidade, merecendo, por isso, as homenagens que recebeu e haverá de receber ainda do Poder Público de Blumenau.

Afonso Balsini nasceu em 1913 em Blumenau e aqui faleceu dia 23 de janeiro de 1983, portanto com a idade de 69 anos.

Leitor assíduo e incentivador de "Blumenau em Cardenos", sempre esteve ao nosso lado, estimulando nosso trabalho para que esta revista continuasse sempre sua tarefa para a qual foi criada.

Por isso que, às homenagens que recebeu e as que ainda have-



rá de receber da comunidade Blumenauense em sua memória, "Blumenau em Cadernos" junta as suas, deixando aqui registrado o preito de saudade e gratidão àquele que foi em sua vida profissional e pública, um exemplo dos mais nobres de dignidade, inteligência, cultura e elevado tirocínio administrativo, tendo prestado, a exemplo de tantas outras figuras do passado, os mais assinalados serviços à cultura e ao desenvolvimento de sua terra!

J. G.

---

## A Fundação de Itajaí Sua História, Seu Romance

Sob o título acima, será lançado em noite de autógrafos, no próximo dia 25 de fevereiro, na cidade de Itajaí, o livro do historiador Nemésio Heusi. Esta obra, que está sendo impressa nas oficinas da Fundação "Casa Dr. Blumenau", é uma das mais importantes e insinuantes contribuições já recebidas pela cidade portuária, para determinar fatos históricos de sua fundação e do seu desenvolvimento nos primeiros decênios.

Nemésio Heusi, que consagrou-se com o seu primeiro livro "História Romanceada de Blumenau e do seu Fundador", também composto e impresso nas oficinas gráficas da mesma Fundação, volta agora à presença do público leitor com mais uma obra que haverá de consagrá-lo definitivamente perante todos, obra na qual ele procura, através de cansativas pesquisas e inteligentes análises, estabelecer em definitivo dois parâmetros que distinguiram o surgimento da primitiva vila de Itajaí, um forjado pelo fundador e outro pelo colonizador.

Além dos fatos históricos, Nemésio Heusi busca encantar ainda mais sua obra, incluindo, na segunda parte do livro o Romance vinculado aos fatos históricos da fundação de sua cidade natal.

O lançamento do livro de Nemésio Heusi, ocorrerá justamente no dia em que Itajaí comemorará o centenário de nascimento de um dos seus mais ilustres filhos — Marcos Konder —, que foi, aliás, um dos mais dedicados pesquisadores para estabelecer a legitimidade da fundação de sua também cidade natal.

Esta segunda obra de Nemésio Heusi, tem o apoio e respaldo financeiro de sua própria cidade, através de instituições culturais e estamos certos de que heverá de receber o apoio e o aplauso do povo de Itajaí.

(José Gonçalves)



# HISTÓRIA ROMANCEADA DE HERMANN BRUNO OTTO BLUMENAU, NA ALEMANHA

— De farmacêutico a colonizador —

2º VOLUME

Nemésio Heusi

(Continuação do número anterior)

Enquanto Trommsdorf e Blumenau caminhavam até à casa do professor de português, conversavam sobre o jantar.

— Fritz deve ter ficado louco de raiva com as nossas ironias sobre a tal palestra de Marx e Engels, não achas Blumenau?

— A cara dele era de espanto do nosso cinismo e das desculpas esfarrapadas que damos, mas também se Marx não insistisse tanto para irmos, não teríamos nos desculpaço, mentindo, inventando econ-tros. Será, Trommsdorf, que ele não percebeu nada, que fugimos de-les e de suas idéias?

— Nada! Esses neo-socialistas e pregadores das desigualdades sociais que Platão achava ser apenas fundamento moral, e mais tarde Saint-Simon, com suas explicações técnicas e seus paliativos, perturbou ainda mais os socialistas até o final do século passado.

Estes dois jovens socialistas, uniram as suas idéias e procuram, tanto Marx como Engels, criar o socialismo científico e procuram fa-zer palestras, conferências para ver as reações, quer das massas operá-rias e estudantis, Marx, agita com suas argumentações revolucionárias e quer trazer para elas o proletariado, para futuramente criar o socia-lismo do proletário revolucionário, com novas doutrinas radicais do socialismo, até chegar ao marxismo.

— Eu acho, Trommsdorf, que tu tens razão. Marx é pretencioso, filho de judeu advogado, convertido ao Protestantismo. Formou-se em direito, mas dedicou-se mesmo foi à História e à Filosofia, já como es-tudante ele era um agitador em formação, sempre original em suas idéias, adepto do grande filósofo Friedrich Hegel, que pregava sua fi-losofia, mais tarde transformada em Hegelianismo que identifica o “ser e o pensamento” como um princípio unico, a “idéia”, que se desen-volve em três fases “tese, antítese e síntese”. Seus dois livros publica-dos, que eu, Trommsdorf, já os li o primeiro, “Grande Lógica” publi-cado em 1806, é um livro que vira a cabeça de qualquer estudante. Se não virou a minha, foi porque eu estava preocupado com minhas i-déias colonizadoras, mas, Fritz, que leu oferecido com uma bonita de-dicatória de Karl Marx, que eu vi, acabou virando a cabeça do rapaz, principalmente depois que o teu cunhado começou a massacrar a per-sonalidade do Fritz, com suas absurdas imposições sobre a medicina que ele detesta.

— Blumenau, estou me lembrando agora que o outro livro de



Hegel, "Princípios da Filosofia do Direito", eu andei lendo porque o encontrei na biblioteca do papai com várias anotações, e o velho andou atacando as idéias de Hegel, porque achava que ele pervertia os estudantes de Direito, confundindo-os com a Filosofia altamente revolucionária para a época, e o velho escreveu muitos artigos sobre o assunto e publicou-os no seu "Journal der Pharmazie"...

Agora estou me lembrando, Blumenau, quando nós trabalhávamos na farmácia dele, ele chegava austero e sisudo, olhando por cima de seus pince-nez, jornal na mão, cumprimentava e invariavelmente: Cadê meu naturalista, Hermann? Eu saía correndo para trazer o Fritz, que estava sempre envolvido com insetos e plantas, no vasto quintal da farmácia. Ele dava o jornal para o Fritz, dizendo-lhe: "Toma meu neto, a cultura começa pela leitura do jornal. Leia, depois cuide de teus insetos e plantas, menino!"

— Fritz lia mesmo, e adorava os artigos do avô, principalmente, os que ele atacava Hegel, você se lembra, Trammsdorf?

— Claro, naquela época, Fritz, era um garoto dócil e bom, um "naturalista" mesmo, como apelidava papai, seu neto querido!

— Trommsdorf, eu não culpo Fritz, pela virada sentimental, e se amanhã, encontrarmos ele envolvido seriamente com a turma de Marx e Engels, a culpa não é sua, nem desta moça que não o larga, e, sim, de teu cunhado, unicamente!...

— Blumenau? Se encontrarmos o teu emprego do verbo no futuro está erradíssimo, meu caro, ponha presente nisso, pois já hoje, e de agora em diante, o Fritz não larga mais nem Carolina, nem Marx e Engels!

— Como é, meu sócio, estamos andando há quase uma hora, e a casa desse professor não chega, não?

— Blumenau! Andar é bom para fazer a digestão, rapaz! Falta apenas umas duas quadras, que horas são?

— Quase dez horas. Será que o homem não está dormindo, não?

— Não! A turma lá dorme tarde...

— É verdade, estamos indo para tua casa...

— Eu não te disse que a casa dele era perto da nossa?

— Tens razão, você me falou, sim, que davas as piscadelas quando saias e chegavas em casa, não foi?

— Claro! E já cheguei quase às onze horas e lá estava ela na janela, me esperando.

— Quer dizer que hoje é que vais falar com ela, pela primeira vez?

Andaram alguns metros mais, e Trammsdorf, sorridente e nervoso:

— É aqui Blumenau, a casa do teu futuro professor de português.

— Ué! Cadê a menina, Trommsdorf?

Ele se chegou bem para perto e sussurrou em seu ouvido:

— Ela com certeza entrou para fazer xixi!

— Seu porco!



— É que eu estou louco para fazer, rapaz. . .

— Espera, Trommsdorf! Será que vais entrar, pela primeira vez, em sua casa e pedir logo para fazer xixi?

— Não, é claro, eu ainda agüento, nossa visita será rápida, não é?

— Estás louco! Se ela chegar na janela, que eu sei está na horinha da minha chegada em casa, ela vai me ver urinando atrás do poste, muito poético, hein? Deixa que eu agüento ainda algum tempo.

— Também pudera, quantas cervejas tomaste, desde o aperitivo e no jantar?

— Não mais do que meia dúzia!

— Puxa! Não estás tonto, não?

— Com meia dúzia de cervejas?

— Vamos, já que podes esperar, toca logo a campainha?

— Espera. Deixa eu me concentrar em seu lindo rosto, para atraí-la para à porta.

Quando Trommsdorf apertou o dedo no botão, seu coração disparou, em pouco, os dois ouviram o baralho da chave abrindo a porta.

— Boa noite, senhorita! — Era ela, mais linda do que nunca, com os olhos brilhantes. Trommsdorf perguntou meigamente: — Papai não está, minha jovem?

— Está, sim senhor.

— Como é seu nome, minha jovem?

— Carla Heine, meu senhor, por favor entrem, que eu vou chamar papai. Um momentinho, sentem-se à vontade.

— Tu sabes Blumenau, eu entrei com o pé direito, tive este cuidado, está dando sorte até agora, tudo como eu esperava, ela é linda não é?

— Maravilhosa! Acredito até que seja mais bonita do que a Carolina do Fritz!

— A Carolina é mais mulher, esta é muito jovem ainda. Blumenau, dá um jeito de conversar com o Professor sozinho, eu quero aproveitar para falar com ela a sós, eu vou me informar de toda a sua vida. Eu acredito que todo este meu interesse está começando a balançar meu coração, Blumenau!

— Olha, Trommsdorf, aí vêm eles.

Trommsdorf, nervoso, aguardou a entrada do pai e ela, pensando que só os dois ainda estavam acordados, mas teve uma surpresa:

— Boa noite, meus senhores. — Era o velho quem falava, e atrás dele, ela, a mãe dela e mais duas irmãs. Depois dos cumprimentos e apresentações, todos sentaram na grande sala de visitas. Adolfe Heine, delicadamente:

— Carla, minha filha, traga umas cervejinhas bem geladinhas. Os senhores tomam, pois não?

Blumenau olhou rápido para Trommsdorf, e este com o maior cinismo:

— Muito obrigado senhor Adolfe, sou abstêmio! Mas meu amigo Blumenau adora uma cervejinha!



Blumenau, que gostava muito pouco de bebidas, sorriu meio sem jeito:

— Tomo sim, senhor Adolfe, muito obrigado! — E sorrindo de sua vingança, pensou: vou demorar ao máximo nesta visita, até ele fazer xixi, ou nas calças ou ter que pedir para fazê-lo naquela casa, e será para a Carla, que ele terá que se dirigir quando apertar a vontade. — O Senhor Adolfe não acha que já está um pouco tarde para nossa visita, não?

— Absolutamente, senhor Blumenau, dormimos tarde, sempre depois da meia noite, não se preocupem com o tempo.

— Sendo assim, não, Trammsdorf, não estamos incomodando, não é?

— Fiquem à vontade, e nós dois, senhor Blumenau, aproveitamos para tomar algumas cervejinhas, não é mesmo? Eu adoro tomar cerveja antes de dormir, é ótimo para um sono tranqüilo.

— Professor? — Trommsdorf que já estava meio apertado, puxou logo o assunto da visita. — Professor, meu amigo quer saber se o senhor poderá lhe dar aulas de português!

— Sim, sim, com muito prazer!

— Obrigado professor, — disse Blumenau, e, olhando para Trommsdorf para vingar as cervejas que teria que tomar a contra-gosto: Este, realmente, é um dos assuntos, como o professor e todos aqui dormem tarde, não é mesmo?

— Sr. Blumenau, quando a visita nos agrada como a de agora, nosso relógio nada diz. Não se preocupem estejam como se estivessem em suas próprias casas; à vontade. Estou notando que seu amigo está cruzando e descruzando as pernas com muita frequência. Não está se sentindo bem, sr. Trommsdorf?

— Não... não é nada, não! Eu tenho de quando em vez, uma coisa, uma espécie de formigueiro nas pernas, mas, não se preocupe sr. Adolfe...

A senhora Heine, gorda, corada, extremamente simpática, que até então se limitava a ouvir e sorrir, esparramada numa poltrona, gentil e solícita, levantou-se e pediu a Trammsdorf que lhe mostrasse as pernas.

— O senhor, por favor, levante as calças que eu quero ver as suas pernas, não faça cerimônia, sr. Trommsdorf, quero olhar e ver se não tem varizes...

— Não! ...Dona?...

— Ana, Ana Heine, sr. Trommsdorf.

— Obrigado! Dona Ana, eu não tenho variz!

— Ótimo então! Porque se tivesse não poderíamos passar a pomada, que é uma receita brasileira, e excelente, um santo remédio para pernas que comicham, exatamente, como o sr. disse, parecem formigamentos.

Blumenau tudo assistia sorrindo dos apertos de seu amigo, e agora ali, pela primeira vez em casa da sua namorada, ou pelo menos quase namorada, em plena sala de visitas calças arregaçadas até o joelho, onde se viam duas pernas brancas e magras, sem um fio de cabe-



lo, era uma figura, de fato, ridícula, e como Carla se divertia junto com suas irmãs da triste situação de Trommsdorf, enquanto Dona Ana examinava bem as pernas, ordenando:

— Carla! Vá buscar aquela pomada brasileira e depois, delicadamente, com um algodão passe nas pernas do moço, minha filha!

Ela saiu correndo segurando o riso, suas irmãs atrás e quando voltaram com a pomada encontraram Trommsdorf, com as duas pernas esticadas em cima de uma cadeira bem a sua frente.

Trommsdorf, já tinha tudo planejado, logo depois da passagem da pomada ele simularia que não estava passando bem e peueria que o levassem até o banheiro, já que não se agüentava mais, estava fazendo um esforço sobre-humano, parecia que sua bexiga ia esourar como uma bola de aniversário de criança.

Blumenau conversava animadamente com seu professor, virando-se depois para o amigo:

— Trommsdorf! Segundo o sr. Adolfe, dentro de um ano, ano e pouco, estarei pronto para viajar para o Brasil. Como tenho ainda muito tempo para viajar, propôs-me, o sr. Adolfe, que eu tome mais um ano de prática com ele e Carla, que fala muito bem o português, já que nasceu no Brasil.

— Então ela é brasileira? — Perguntou Trommsdorf.

— Não, Trommsdorf, o sr. Adolfe registrou-a na embaixada alemã e ela é alemã.

Carla e as irmãs entraram na sala, sorrindo vendo a situação do visitante de pernas estendidas sobre uma cadeira e cumprindo ordens da mãe, Carla, delicadamente, começou a passar a pomada.

Trommsdorf, olhava para ela e pensava. Bela situação a minha, socorrido por um mal que não tenho e justamente pela criatura que ele queria tudo, menos que ela passasse pomada em suas pernas, e ali estava ela, bem a sua frente, ao seu alcance, na mais cômica das situações, sorriu. Carla então vendo seu sorriso:

— Está sentindo cócegas, Sr. Trommsdorf?

— Um pouquinho! Quase nada! Mas, confesso estou gostando parece fazer bem mesmo, como disse sua mãe.

Dona Ana rápido entrou na conversa:

— O senhor vai se sentir muito bem, vai ver só!

Terminada a cena, ele agradeceu, desceu as ceroulas e quando, se abaixou para puxar as meias, lembrou-se que era a hora extrema de correr para o banheiro, ou então, fazer mesmo, xixi na calça, como de há muito Blumenau estava torcendo. Ele olhou para todos e desesperado, franzindo o rosto e apertando os olhos:

— Não estou passando bem! Por favor, onde é o banheiro?

Carla bem a sua frente:

— Venha! Venha sr. Trommsdorf, é... é por aqui, por favor — ela correu na sua frente, abriu a porta e quando entrava ela, meigamente — Quer que lhe ajude, Sr. Trommsdorf?

— Não! Não minha jovem! Muito, mas muito obrigado mesmo.

Quando ele voltou para sala, quase todos perguntaram juntos "Está bem, sr. Trommsdorf?"



— Não se preocupem, estou ótimo! Dona Ana, a sua pomada é maravilhosa! Como me sinto bem! — Sorrindo e olhando para Blumenau — Que alívio meu amigo!

— Eu imagino só, Trommsdorf! Como tu estás aliviado, hein?

— Eu estou me sentindo tão bem mesmo que vou fazer uma coisa que há, seguramente, “uns 10 anos” não faço! — E com o maior cinismo — Vou tomar, com o Sr. Adolfe, uma cervejinha bem gelada!

— Ó...ti...mo! Ótimo sr. Trommsdorf, quero dar até os parabéns para minha mulher que acertou no seu diagnóstico!

Elumenau para agradecer Carla ponderou:

— O remédio é bom sem dúvida! Mas, a enfermeira, sua habilidade muito contribuiu para a fulminante cura de Trommsdorf.

Carla sorria de satisfação enquanto Dona Ana, perguntou, curiosa:

— Eu estranhei foi o sr. Trommsdorf ter passado mal de repente. Fiquei até preocupada, porque nunca, ninguém sentiu mal algum, e foram muitos, não é Adolfe?

— Foi uma ligeira indisposição, a senhora não deve se preocupar, a sua pomada foi milagrosa, Dona Ana.

— O sr. quando se for, levará consigo um vidrinho dela, Carla, prepare um vidrinho e quando o sr. Trommsdorf sair dê a ele, minha filha!

Trommsdorf, suspirou, agradecendo, e seu pensamento foi “Ah! se em vez de pomada ela me desse um vidrinho de seu perfume!”

Quando a cerveja chegou trazida por Carla, numa bandeja de prata e um bonito copo de pé alto, próprio para a bebida, Carla serviu-o de tal maneira que Trommsdorf olhava e pensava ao mesmo tempo: “Que arte de servir uma cerveja! Que menina extraordinária! “Em seguida tomou com sofreguidão e ao estalar os lábios:

— Obrigado minha linda jovem! Nunca tomei uma cerveja tão gostosa em toda minha vida, e olha que sou... — ele lembrou-se a tempo, já que ia dizer: “olha que sou bebedor de cerveja, menina!” — apesar de abstinência, um apreciador de cerveja, minha jovem!

Seu Adolfe que viu como ele tomou a cerveja observou:

— Meu caro sr. Trommsdorf! Para um abstinência o senhor me pareceu um requintado apreciador de cerveja!

— Já fui, é bem verdade, mas isso em tempos idos, quando tinha meus quinze anos, hoje já com vinte e cinco, resolvi parar, há dez anos.

Era pouco mais de meia-noite quando os dois amigos deixaram a casa do professor de português de Blumenau. Quando Trommsdorf abriu a porta, vagarosamente, para não acordar sua velha mãe, teve um surpresa, ela dormia, calmamente, na sua cadeira de balanço proferida e tombado em seu colo o livro de sua predileção “Hermann e Dorotéia” de Goethe, que ela lia com uma calma impressionante, com pena de ver terminada a leitura que adorava. Ele retirou o livro de seu colo, beijou-a, acordando-a.

— Mais um vidrinho para a coleção interminável de teus remédios, bem se vê és filho de farmacêutico, meu querido! Mas, que horas são?



— Quase uma hora da manhã!

— Você hoje saiu fora do sério, meu filho. Fiquei preocupada vim ler aqui na sala a tua espera e acabei dormindo aqui.

— Mamãe, estou amando!

— Que novidade, não será está a primeira, nem a última de tuas namoradas, não é meu querido?

— Esta é namoro sério, mas, sério mesmo mamãe!

— Bem, vamos dormir que cheiras muito a cerveja e amanhã já esqueceste tudo, até tua amada, boa noite meu querido.

Foram tantas as vezes que Trommsdorf disse a sua mãe que era namoro sério para casar que ela não acreditava mais em seus amores, e ele naquela noite depois dela beijá-lo e se retirar para o seu quarto, ficou de pé sozinho no meio da sala olhando a mãe que se retirava, apertou o vidrinho de remédio que Carla antes lhe passara em suas brancas pernas com tanta delicadeza e meiguice que ele não se conteve, beijou o vidrinho meigamente e foi dormir deixando-o em cima de sua mesinha de cabeceira como se Carla estivesse dentro dele e dormisse também a seu lado.

Dois anos depois Elumenau terminara o curso de português e em casa de Adolfe Heine foi um dia de festa, Carla noivava com Trommsdorf numa festa de muita alegria e muito amor.

(continua no próximo nº)

---

## O PREÇO DA ASSINATURA DESTA REVISTA

Por um lapso de revisão, deixamos de alterar, no expediente desta revista, no nr. 11/12, página 305, o preço da assinatura anual, a qual passou, de Cr\$ 500,00 para Cr\$ 1.000,00. Pedimos escusas aos nossos prezados leitores assinantes, ao mesmo tempo em que aproveitamos a oportunidade para agradecer a todos os que, de modo muito simpático e sem nenhuma restrição, renovaram suas assinaturas.

A Direção

BANCO DO ESTADO DE SÃO PAULO S. A.

**banespa**

Um dos colaboradores nas edições desta revista



# Terra oca?

Elly Herkenhoff

Sob o título original norte-americano "The Hollow Earth" existe um fascinante livro que, traduzido para o português, tornou-se agora acessível ao público leitor brasileiro.

Na realidade, o conteúdo da obra não é apenas fascinante. É inaudito, assombroso e até mesmo um tanto assustador, já que, ao apresentar "A Terra Oca", o autor procura convencer-nos de que todos nós, doutos ou leigos, estamos redondamente enganados, assim como redondamente enganados estavam todas as gerações de cientistas dos últimos séculos, todos os geógrafos, cartógrafos, historiadores, navegantes, que vinham proclamando — convictos da infalibilidade de suas concepções — ser a Terra uma esfera sólida, na qual os dois pólos são pontos fixos.

Sim — porque, segundo o dr. Raymond Bernard, autor de "A Terra Oca", a verdade é bem outra. Na verdade, o nosso globo terrestre constitui, nada mais, nada menos, que uma esfera oca, aberta nos assim chamados pólos, uma esfera iluminada e aquecida por um sol central e habitada por gente de carne e osso, gente de uma raça bem mais evoluída do que nós, descendente dos atlantas, os habitantes legendários da legendária Atlântida, submersa em tempos imemoriais, durante pavorosa catástrofe no Oceano Atlântico, segundo as narrativas de Platão...

Os argumentos apresentados pelo autor em defesa da teoria — apresentados e repetidos e repisados e reapresentados — vão desde o testemunho de exploradores das zonas polares, entre os quais o Contra-Almirante Richard E. Byrd, da marinha norte-americana, até a presença intrigante dos discos voadores, procedentes daquele mundo fantástico, fantasmagórico, construídos, por aquela humanidade intraterrícola, da qual, sem sombra de dúvida, teríamos muito, muito que aprender...

Diz o dr. Raymond Bernard no prefácio do livro, à página 25, o seguinte:

"A teoria de uma terra oca foi primeiro formulada por um escritor americano, William Reed, em 1906, e mais tarde ampliada por outro americano, Marshall B. Gardner, em 1920. Em 1959, F. Amadeo Giannini escreveu o primeiro livro no assunto, desde o de Gardner, e no mesmo ano Ray Palmer, editor da revista "Flying Saucers", ampliou a teoria, para fornecer uma explicação lógica para a origem dos discos voadores.

As teorias de Reed e Gardner encontraram confirmação nas expedições ao Ártico e a Antártica, do Contra-Almirante Richard E. Byrd, em 1947 e 1956, respectivamente, que penetraram por 2.730 quilômetros além do Pólo Sul, num novo e desconhecido território, sem gelo, não registrado nos mapas, estendendo-se dentro das depressões po-



lares e nas aberturas que levam para o interior oco da Terra. A verdadeira significação das grandes descobertas do Almirante Byrd foi silenciada logo depois que enviou seu relatório pelo rádio do seu avião, e não mereceu a devida atenção, até que Giannini e Palmer publicaram o assunto”.

A reação dos leitores de “A Terra Oca” em totalidade, não será de absoluta e unânime concordância — decerto que não. De perplexidade, talvez, ou de ceticismo ou mesmo de revolta. No entanto, qualquer leitor catarinense e, sobretudo, joinvillense, por mais incrédulo, irá se deter à página 228 do livro, para ler e reler o trecho ali impresso, que textualmente reza o seguinte:

“Um dos primitivos colonos alemães de Santa Catarina, no Brasil, escreveu e publicou um livro em alemão antigo, tratando do Mundo Subterrâneo, baseando-se para isto em informações do índios. O livro descreveu a Terra como sendo oca, com um sol em seu centro. O interior da Terra foi dito ser habitado por uma raça de frugívoros, livres de doenças e de vida muito longa. Este Mundo Subterrâneo, o livro afirmava, era ligado à superfície por túneis que se abriam principalmente em Santa Catarina e regiões limítrofes do sul do Brasil.

O autor dedicou quase seis anos de investigações ao estudo dos túneis misteriosos que se entrelaçam sob Santa Catarina, construídos obviamente por uma raça antiga, a fim de alcançar as cidades subterrâneas. As pesquisas ainda estão em andamento. Numa montanha, perto de Joinville, o canto coral dos homens e mulheres, atlantas tem sido ouvido repetidamente — também o “Canto do Galo, que é a indicação da existência da abertura de um túnel que conduz a uma cidade subterrânea. O canto não é produzido por um animal, mas provavelmente por alguma máquina”.

Quanto ao “primitivo colono alemão de Santa Catarina”, nada sabemos. Nem o seu nome, nem o título de sua tão preciosa obra e nem tampouco a época em que viveu. Poderíamos até mesmo admitir a possibilidade de ter vindo em alguma expedição portuguesa, muito antes da Independência e da colonização alemã no Brasil, já que ele escreveu em “alemão antigo”, pois nem no tempo da fundação de Joinville, em 1851, nem tampouco em 1829, quando surgiu a primeira colônia alemã em território catarinense, usava-se “alemão antigo”. O idioma alemão, falado e escrito àquela época, era o mesmo idioma alemão de hoje. A ortografia era diferente, sim, o estilo era outro, o vocabulário, evidentemente, um tanto diverso, assim como no português do século passado a ortografia, o estilo e o vocabulário eram diferentes, contendo definições hoje em desuso e, por outro lado, sem as muitas expressões modernas, surgidas com a evolução da ciência e da tecnologia. Existe apenas um detalhe todo especial, quanto à letra alemã ou gótica — hoje completamente abolida — que era de emprego generalizado no século passado, tanto nos manuscritos como nos impressos.

Portanto, ao escrever a sua obra em “alemão antigo” — em idioma alemão antigo — o colono assim deve ter agido com um propósito todo especial — evidenciando, com esta faceta, a sua vasta cultura e erudição.



Mas, segundo Raymond Bernard, o nosso colono, ao descrever a Terra como sendo oca e habitada em seu interior, fez uma assombrosa revelação, quanto à montanha existente perto de Joinville, onde "o canto coral dos homens e das mulheres atlantas tem sido ouvido repetidamente" . . .

Assombrosa e assustadora, sim — porque, admitida a existência real da humanidade multimilenear no interior da Terra, e a suposta rede de túneis no subsolo catarinense vista pelo prisma miraculado do colono alemão, as nossas duas "montanhas mágicas", o Monte Crista e o Castelo dos Bugres, ambas nas proximidades de Joinville, ambas envolvidas em mistério e lendas, ganhariam dimensões inéditas, transcendentais . . .

Ambas — porque seria difícil atinarmos qual das duas exatamente é aquela indicada pelo autor. Na verdade, há muita gente que jura ter ouvido vozes, vindas do fundo das cavernas, existentes, tanto no Monte Crista como no Castelo dos Bugres . . .

No Monte Crista — assim reza a tradição — há tesouros imensos, que os jesuítas, ao serem expulsos do Brasil, ali esconderam em lugar seguro, até hoje não descoberto ou, quem sabe, já descoberto e redescoberto e mexido e remexido e saqueado há muito tempo . . .

Realidade ou não — o certo é que existe velha lenda, hoje esquecida, envolvendo de modo especial o Castelo dos Bugres em mistério e romantismo. É uma saga transmitida pelos índios aos imigrantes alemães e a nos retransmitida em preciosíssima página do "Kolonienzeitung", datado de 11 de dezembro de 1896.

Pois ali está um poema — infelizmente anônimo — dividido em oitenta estrofes, intitulado "Das Bugerschloss" (O Castelo dos Bugres), no qual o autor, em versos rigorosamente rimados e ritmados, nos conta a lenda, antiquíssima, perdida nas brumas e no silêncio, a lenda que a brisa, sussurrando, espalha pelo arvoredo da montanha.

Revela-nos o poeta (ao longo dos versos), o segredo do Castelo dos Bugres ali construído todo de rochas, com as suas salas já enegrecidas e seus telhados reluzentes. Mostra-nos o "nobre cavalo branco" diante do átrio de pedras, preso dentro do espinheiral, cada vez mais espesso e emaranhado, cada vez aterrorizando o animal, que ali aguarda a descida da ponte movediça, que irá permitir a saída do senhor, que um dia ali penetrou. Mas enquanto "o cacique" não sair do castelo, não haverá libertação para o pobre cavalo angustiado, sem saída e sem esperança. Somente quando "cavalos-vapor" vierem a rodar sobre trilhos de ferro, é que terá chegado a hora da liberdade, com a destruição do matagal. O "cacique", porém, assim finaliza o autor, ainda irá permanecer por longo tempo no interior do Castelo dos Bugres, enquanto aqui fora, pela estrada, gente apressada irá passando, espreitando o íngreme castelo e o cavalo branco, seu guardião . . . —

Extremamente sugestivo como poesia e, como documento, imensamente valioso.

(Conclui no próximo número)



# FUNDAÇÃO "CASA DR. BLUMENAU"

Instituída pela Lei Municipal Nº. 1835, de 7 de abril de 1972

Declarada de Utilidade Pública pela Lei Municipal nº. 2028 de 4/9/74

Alameda Duque de Caxias, 64 — Caixa Postal, 425

89100 B L U M E N A U

Santa Catarina

Instituição de fins exclusivamente culturais

## São objetivos da Fundação:

Zelar pela conservação do patrimônio histórico e cultural do município;

Organizar e manter o Arquivo Histórico do Município;  
Promover a conservação e a divulgação das tradições culturais e do folclore regional;

Promover a edição de livros e outras publicações que estudem e divulguem as tradições histórico-culturais do Município;

Criar e manter museus, bibliotecas, pinacotecas, discotecas e outras atividades, permanentes ou não, que sirvam de instrumento de divulgação cultural;

Promover estudos e pesquisas sobre a história, as tradições, o folclore, a genealogia e outros aspectos de interesse cultural do Município;

A Fundação realizará os seus objetivos através da manutenção das bibliotecas e museus, de instalação e manutenção de novas unidades culturais de todos os tipos ligados a esses objetivos, bem como através da realização de cursos, palestras, exposições, estudos, pesquisas e publicações.

## A Fundação "Casa Dr. Blumenau", mantém:

Biblioteca Municipal "Dr. Fritz Müller"

Arquivo Histórico — Museu da Família Colonial

Horto Florestal "Edite Gaertner"

Edita a revista "BLUMENAU EM CADERNOS"

Tipografia e Encadernação

Conselho Curador: Presidente — *João Carlos von Hohendorf* - advogado; vice-presidente — *Rolf Ehlke* - Industrial.

Membros: *Elimar Baumgarten*, advogado; *Honorato Tomelim*, jornalista; *Ingo Fischer*, advogado, secretário da Educação e Cultura do município; *Altair Carlos Pimpão*, jornalista; professor *Antônio Boing Neto*; *Arno Letzow*, comerciante; *Beno Frederico Weiers*, advogado; *Heinz Hartmann*, repres. comercial; *Prof. Olvío Pedron*.

Diretor Executivo: *José Gonçalves*



120 milhões de pessoas carregam a Hering nas costas.



Nas costas, na cintura, na lateral. É só examinar um brasileiro por dentro que você descobre uma etiqueta Hering.

Quem é que não gosta de usar uma malha de algodão macia, suave e confortável?

No trabalho, no esporte ou no lazer, qualquer tempo é tempo de camisetas, cuecas, pijamas e camisolas Hering.

Mas não é só no Brasil que a etiqueta dos dois peixinhos virou moda: ela também pode ser encontrada nas costas alemãs, canadenses, finlandesas, americanas, suecas e holandesas.

Afinal, quem fabrica 16 milhões de peças por mês não podia deixar tudo nas costas dos brasileiros.

Cia. Hering

BLUMENAU - SANTA CATARINA

